



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

A ROUPA NÃO DEFINE CARÁTER: UMA LEITURA MIDIÁTICA SOBRE O VESTIR FEMININO

Autora: Valcelene Amorim Pereira; Co-autora: Tânia Rocha Andrade Cunha

*Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), valamorim.jor@gamil.com
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), tania.rochandrade@ual.com.br*

RESUMO

Aderindo ao pressuposto de que as culturas são socialmente construídas, reafirmamos que o corpo, assim como as vestimentas, também o são, e que estão sujeitos a modificações. A partir de um extenso levantamento literário sobre o tema, percebemos que as vestimentas femininas são reflexos de conquistas emancipadoras assim como de resignificação ao ponto de serem usadas também como meio de violência contra a mulher. Com os movimentos feministas e a maior conscientização da sociedade, vários veículos midiáticos incentivam a autonomia da mulher sobre o próprio corpo e as roupas, entretanto, paralelamente a isso, cresce nos meios de comunicação produtos midiáticos que fomentam o desrespeito à mulher. Assim, este artigo, que é parte da nossa Dissertação de Mestrado - UESB, ora iniciada, tem como objetivo analisar os conteúdos midiáticos sobre as vestimentas femininas com o intuito de discutir como estas podem ter seu significado atrelado ao uso da discriminação e objetivação da mulher.

PALAVRAS-CHAVES: Violência contra mulher, Mídia, Estereótipos, Roupas.

INTRODUÇÃO

De acordo com o Censo divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), de 2010, aproximadamente 95,06% dos domicílios no Brasil conta com um aparelho de televisão, isso equivale a cerca de 54,5 milhões de lares.

Por meio de programas ficcionais, a exemplo da teledramaturgia, que desde o final da

década de 1960 se propõe a produzir conteúdo verossímil com a realidade do público, tal formato televisivo acaba por acarretar a credibilidade destes. Sendo assim, a reflexão que pretendemos suscitar aqui é como a imagem da mulher é construída a partir dos figurinos utilizados pelas personagens que emprega o ethos de “perigete” e como a utilização das roupas curtas pelas personagens pode resultar, mesmo que subjetivamente, em violência contra



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

a mulher. Para isso, examinaremos três telenovelas produzidas pela emissora Globo, que no decurso dos anos se tornou a maior produtora de teledramaturgia nacional e um gênero fílmico de produção internacional.

Malcher (2009, *apud* RAMOS, 2016, p. 47), afirma que “a ficção dramatizada (ficção televisiva) é um elemento fundamental para a vida coletiva e privada nesta sociedade” e, por causa disso é um meio que, em certa medida, influência as agendas sociais dos telespectadores.

Nesse sentido, é relevante buscar compreender como são formadas as enunciações construídas em torno das mulheres através das telenovelas e filmes. Pois estas, apesar de serem quantitativamente majoritárias, são, não raras vezes, alvos de violências físicas e psicológicas, uma vez que, estão imersas em uma sociedade que, sistematicamente, as colocam em um lugar subalterno ao homem.

Mesmo na atualidade, após séculos de mobilização dos grupos feministas e dos movimentos das mulheres que buscam garantir o

exercício da cidadania feminina é perceptível o crescente aumento da violência perpetrada contra a mulher, como estupro, feminicídios, culpabilização da vítima, assédio sexual e moral, e as ocorrências não param por aí. Em muitos casos a escolha das roupas femininas, que deveriam ser uma forma de expressão da liberdade social, pode ser também um propagador de violência e constrangimentos.

Chauí (1985 *apud* SANTOS e IZUMINO, 2005, p. 149), afirmam que “a violência contra mulheres resulta da ideologia que define a condição feminina inferior à condição masculina”. Elas acrescentam que “as diferenças entre o feminino e o masculino são transformadas em desigualdades hierárquicas através de discursos masculinos sobre a mulher, os quais incidem especificamente sobre o corpo da mulher”.

Em concordância com esse pensamento, Beauvoir (1980) atribui à anatomia do corpo feminino a inferiorização e a dominação exercida pelo homem. A autora explica que o corpo masculino é encarado como uma relação direta e normal com o mundo,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

enquanto que o corpo da mulher é sobrecarregado por tudo o que o especifica: um obstáculo, uma prisão.

Assim, partindo da importância que os enunciados midiáticos têm sobre a sociedade, as representações femininas por meio do figurino das personagens, especificamente, sob o ethos de “perigete” ou utilização de roupas curtas e decotadas nas telenovelas e filmes, afetam as percepções do público, sendo capaz, dessa forma, de intensificar o pensamento machista já existente que culpabiliza a mulher pela agressão sofrida.

A função das vestimentas

Não se sabe ao certo quando ou por qual motivo o homem se deparou com a necessidade, e porque não dizer o hábito, de se vestir. São várias as correntes teóricas que deduzem as motivações para tal prática. No período pré-histórico, por exemplo, há indícios de que o homem das cavernas já fazia uso de vestimentas com a intenção de se proteger das adversidades climáticas, assim como afirma Viana (2017, p. 21), “muito frio ou muito calor são fatores

que costumam pedir alguma cobertura corporal para que o corpo humano sobreviva nos ambientes em que ele se propõe a viver”. No entanto, esse simples fato já era indicador de distinção entre os membros do grupo.

Basta o exemplo da pele envergada pelo nosso homem primitivo por razões especialmente funcionais. Tinha frio e cobria-se, não há dúvida. Mas também, não há dúvida que no espaço de poucos dias depois da invenção do primeiro traje de peles, se terá criado a distinção entre os bons caçadores, munidos das suas peles, conquistadas pelo preço de uma dura luta, e outros, os inaptos, os sem-peles. E não é preciso muita imaginação para imaginar a circunstância social em que os caçadores terão envergado as peles, já não para proteger-se do frio, mas para afirmar que pertenciam à classe dominante (ECO, 1989 *apud* MONTEIRO 1999, p. 170).

Além da questão funcional atribuída à roupa, o ato de se vestir



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

também está associado à noção de pudor, “... tive medo, porque estava nu, e escondi-me”¹. Como salienta James Laver (1989), essa perspectiva, que tem origem mítica e está associada à ideia de pecado original, foi difundida pela cultura semita e está imbuída de valores morais, reforçando a noção de que o corpo deve ser mantido coberto e bem escondido. Ou seja, o civilizado é, então, aquele que se vale das vestes para esconder a sua dívida eterna com o criador, por isso, nas culturas influenciadas pela tradição judaico-cristã, a nudez é vergonhosa, portanto, é inaceitável andar sem roupas em ambientes públicos.

Nesse sentido, as vestes seriam o meio de esconder a vergonha causada pela nudez, o que implica uma distinção entre o coberto e o desnudo. Destarte, à medida que tais valores morais foram sendo incorporados por outras sociedades, a manifestação das percepções antagônicas como moral e imoral, se dão, muitas vezes, através das roupas.

Esse ponto de vista moralista recai, principalmente, sobre a mulher como meio de manter estruturas sociais disseminadas e reforçadas pelo patriarcado, por intermédio de instituições interligadas, como família, igreja, estado e escola, nas quais as roupas femininas são utilizadas como fenômeno de julgamento. A partir das escolhas de roupas, as mulheres são rotuladas como respeitáveis, objetos de apreciação pública, ou como repudiáveis. Nesse sentido, Boudieu (1989, p. 25) nos informa que a mulher “[...] que mantém sua cintura fechada, que não a desamarra é considerada virtuosa, casta e limite simbólico, pelo menos para a mulher, entre puro e impuro”.

Essa perspectiva moralista, bem como, outros significados atrelados às roupas, tem se atualizado ao longo do tempo, como afirma Monteiro (1999).

No decorrer da história a moda se comporta, através das roupas, como um código "recheado" de operações metalingüísticas, ou seja, a moda opera com o código. E este, se renova

¹BÍBLIA SAGRADA. /s.d./: p. 9.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

através dos tempos exatamente por esse processo de metalinguagem, que busca na roupa a renovação do seu círculo histórico, sempre buscando elementos em si mesmo para a renovação. (MONTEIRO, 1999, p. 170).

Este pensamento é encontrado ao longo de toda a história, mas de forma muito mais intensificada no período renascentista, onde a mulher ocupava lugares antagonicamente binários na sociedade, de santa e feiticeira, de Virgem abençoada e Eva pecadora, objeto de adoração e depósito de uma luxúria abominável, como é postulado por Silva (2014, p. 29). Tais conceitos, que perpassam o tempo, ora de forma muito mais latente ora de forma implícita, reforçam os estigmas criados em torno da mulher.

De acordo com Araújo (1997), essa concepção advém da ideia mitológica do pecado original, e por isso, sobretudo a sexualidade feminina deveria ser vigiada de perto. De acordo com essa corrente de pensamento, por definição, a mulher estava condenada a pagar pelo erro de Eva, a primeira mulher da história, que impediu toda a

humanidade de gozar do paraíso. E “já que a mulher partilhava da essência de Eva, tinha de ser permanentemente controlada” (p. 46). Para tal, a Igreja tentava usar de artifícios de adestramento para controlar o comportamento e pensamento feminino, que acabava introjetando os valores misóginos predominantes que eram impostos não somente pela Igreja, mas pela sociedade como um todo, por meio de diversos mecanismos informais de coerção.

No decurso da história é possível perceber que tais pensamentos e mecanismos de controle sexual feminino são atualizados e reapropriados pela sociedade que usam desses artifícios para coagir o comportamento da mulher, em nome de uma “moral” e de “bons costumes”, impondo a esta uma constante vigilância e julgamento.

Um desses métodos de controle é pelas vestimentas, que muitas vezes são usadas como parâmetros para definir o caráter da mulher.

As roupas como processo de dominação



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Assim como moradia e alimentação se constituíram como necessidades essenciais para a existência humana desde o surgimento das primeiras civilizações, as roupas também alcançaram esse patamar de item primordial. De lá para cá, as mensagens nelas imbricadas são exploradas à exaustão, principalmente pela mídia, de acordo com diferentes propósitos, até mesmo como sistema de violência simbólica².

Ao falar sobre esse tema Peter Stallybrass (2008) admite que pensar a roupa significa pensar em memória, poder e posse, na medida em que sociedades têm seus valores e trocas fundamentadas pelas roupas. Este autor afirma que:

Quando os incas incorporavam novas áreas a seu reino, concedia-se aos novos cidadãos roupas para vestir, as quais, entre eles, eram altamente valorizadas. Mas esse presente não

era, naturalmente, desinteressado.

Esse presente têxtil era, como diz John Murra, "uma reiteração coerciva e, contudo, simbólica, das obrigações dos camponeses para com o Estado, bem como de seu novo status. Em troca desse suposto presente, os camponeses eram obrigados, por lei, a tecer roupas para a coroa e para as necessidades da Igreja.

(STALLYBRASS, 2008, p. 13).

Apoiando-se nas considerações a respeito da violência simbólica descrita por Pierre Bourdieu (2002), é possível perceber que tal fenômeno possui campos de atuação vastos e, não raras vezes, utiliza-se das roupas como forma de dominação que incide, principalmente, como controle dos corpos femininos. De acordo com este autor, em sociedades que são organizadas por princípios androcêntricos, as roupas e a moralidade são indissociáveis, ou seja, "a moral feminina se impõe, sobretudo, através de uma disciplina incessante, relativa sobre todas as partes do corpo, e que se faz lembrar e se exerce continuamente através da coerção

² A respeito da violência simbólica Pierre Bourdieu (2002) a descreve como uma espécie de violência suave, insensível e invisível as suas próprias vítimas, que percorre as instancias simbólicas da comunicação e do conhecimento.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

quanto aos trajés”. (BOUDIEU, 2002, p. 51).

Bourdieu (2002, p. 52) aponta que uma espécie de confinamento simbólico é praticamente assegurada pelas roupas, estas têm por objetivo dissimular o corpo e chamá-lo continuamente à ordem. Nesse sentido, Araújo e Menti (2016) destacam o poder canalizador da moda como instrumento de violência simbólica e afirmam que a grande responsável pela manutenção da violência simbólica nas sociedades do século XXI é a mídia.

A contribuição da mídia para a violência simbólica

Os seres sociais são sensíveis a todas as espécies de influências que os circundam e a mídia, com destaque para a televisiva, exerce uma enorme interferência nas relações sociais.

Ramos (2016 p. 37) faz uma importante ressalva ao destacar que a propriedade dos veículos de comunicação de massa no Brasil estão concentradas nas mãos de 11 famílias, além de senadores e deputados, que possuem respectivamente 25% e 10%

das concessões de rádio e de televisão no país. Esse grupo elitista é representado em sua maioria, por um universo masculino e branco que “conduz o país política, social e culturalmente. Uma elite que mantém seu pensamento e ideologia ativos, já que também é a detentora dos veículos de comunicação de massa”.

Posto isso, é importante frisar que o público não representa meros receptores passivos do que é veiculado, ao contrário disto, são críticos e determinadores da audiência. Entretanto, não podemos descartar a influência dos meios de comunicação.

Se considerar que, quando pensamos nos grandes veículos, temos que aceitar que só temos acesso às informações que tais grupos decidem que receberemos. Por outro lado, o público também decide o que deseja consumir. E se isso não for respeitado, a audiência sofrerá queda. Assim, se os meios influenciam as pessoas, as pessoas influenciam os meios. (RAMOS, 2016, p. 38).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Partindo desse pressuposto, podemos observar como as mídias, nas suas mais diversas formas de manifestações (música, publicidade, telenovelas, entre outras) apresentam efeitos de sentido em relação à representação feminina nos espaços sociais.

As telenovelas, por exemplo, de acordo com Almeida (2007) são uma das vertentes midiáticas que possuem maior alcance no Brasil por conta da sua popularidade e da linguagem de fácil acesso. A autora destaca a influência exercida pelas telenovelas na construção dos estereótipos de gênero. Ela afirma que:

As narrativas de grande penetração no cotidiano, em sua repetição de estruturas narrativas e de construções simbólicas, vividas com proximidade durante anos a fio, acabam por constituir parte das categorias culturais com as quais esses espectadores convivem, particularmente aqueles conteúdos que são mais comuns e repetitivos. (ALMEIDA, 2007, p.188).

É nesse sentido que Almeida (2007) salienta que a mídia constrói concepções de modelo ideal tanto de feminilidade como de masculinidade e os torna padrões hegemônicos de comportamento. A autora também destaca a mídia como uma esfera social poderosa na construção de sentidos simbólicos.

Sob esse prisma, abordaremos representações sociais femininas, a partir da construção do figurino das personagens, que ajudam a compor um estereótipo da mulher que favorece a objetificação da mesma. Uma dessas representações femininas em telenovelas é a “periguete”.

De acordo com o Dicionário Aurélio, “periguete” significa “mulher considerada desavergonhada ou demasiado liberal”, ou seja, a “periguete” é uma mulher que não se adequa às normas de comportamento ditadas femininas, ao contrário, ela expressa todo seu poder de sedução e liberdade sexual, principalmente, por meio das roupas.

Algumas “periguetes” alcançaram notoriedade nas produções



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

de telenovelas brasileiras, dentre elas, destacamos a personagem Suelen, interpretada por Ísis Valverde, em *Avenida Brasil*, exibida de março a outubro de 2012 na emissora Globo de televisão e a personagem Lurdinha, vivida por Bruna Marquezina na telenovela *Salve Jorge*, que foi ao ar entre os meses de outubro de 2012 a maio de 2013, veiculada pela mesma emissora.

As duas personagens possuem em comum o figurino predominantemente composto por roupas curtas, decotadas e coladas ao corpo como principal característica de identificação com o ethos de “periguete”. A essas representações também é associado o comportamento que é, geralmente, relacionado a questões de envolvimento amoroso por interesse monetário, o que significa dizer que a estas personagens são vinculadas um comportamento moral que é socialmente condenável como: interesseiras, aproveitadoras, namoradeiras, dentre outros.

Neste sentido, tal forma de representação da mulher, em muitas

situações reforça o estigma social que associa as roupas femininas ao seu caráter. Isso corrobora para a generalização do ideário de que toda mulher que usa roupas curtas são “periguetes”, logo, interesseiras, não confiáveis, objeto sexual, dentre outros estereótipos.

Outra personagem interessante para nosso estudo é a personagem Verena, vivenciada pela atriz Joana Borges, em *Malhação: Vidas Brasileiras* (2018), que usa roupas curtas e chamativas e por conta disso é vista por seus colegas como “periguete”. No capítulo 12, exibido em 23 de março, a personagem é vítima de assédio sexual pelo professor, que considera suas roupas provocativas e indicio de permissão para investidas sexuais.

No filme *The Kissing Booth* (Barraca do beijo) de 2018, a personagem Elle, interpretada pela atriz Joey King vai à escola com uma minissaia e é assediada por um dos seus colegas que apalpa suas nádegas. Na cena seguinte, a aluna vítima de assédio é punida com advertência por ir à escola



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

com uniforme inapropriado. Essa situação ilustra como as vítimas de assédio são culpabilizadas pela ação do agressor. Nesse filme essa questão não é aprofundada, o que nos leva a refletir a respeito da normatização de tal comportamento em nossa sociedade, validando, dessa forma, o estigma de que a mulher é responsável pela agressão que sofre.

Esse tipo de associação fortalece o preconceito e o machismo naturalizado nas sociedades androcêntricas que podem comprometer a integridade física e moral das mulheres. Isso é comprovado em pesquisas como a encomendada pela Caixa Seguros, intitulada de “Atitude e Tolerância: o Que os Jovens Pensam sobre Sexualidade”³, a qual revela que metade dos jovens brasileiros com idade entre 18 e 29 anos consideram que mulheres vestidas de forma insinuante não podem reclamar se sofrerem violência sexual e pouco mais de 10% são indiferentes a esse tipo de violência.

³Pesquisa coordenada pela Caixa Seguradora em parceria com o Ministério da Saúde, a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) e a consultoria John Snow Brasil e investiga o comportamento sexual dos jovens.

A pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública em parceria com o Datafolha, divulgada em 2016, segue o mesmo viés, revelando que no Brasil, 30% dos homens e mulheres concordam com a afirmação: “A mulher que usa roupas provocantes não pode reclamar se for estuprada”.

Essas pesquisas problematizam o pensamento machista de que o comprimento da roupa ou o aprofundamento do decote que as mulheres usam seriam um indicativo de disponibilidade sexual. Outro fator que merece atenção nessas pesquisas é o fato dos entrevistados atribuírem implicitamente à mulher o dever de controlar os impulsos sexuais masculinos mediante seu comportamento e uso das roupas que são consideradas apropriadas pela sociedade conservadora, sexista e machista.

As abordagens de representação feminina nas telenovelas e a cena do filme aqui retratado parecem reforçar o pensamento compartilhado pelos entrevistados das pesquisas apresentado nesse estudo, que transfere para a roupa



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

curta uma espécie de permissão para o assédio, bem como, que tais situações só acontecem por causa da roupa provocativa que a mulher usa. Além desses, outro estigma relacionado à mulher que são reforçados por essas representações é aquele vinculado ao comprimento da roupa tomado como parâmetro para definir o caráter da mulher. Assim, usar uma minissaia ou uma blusa mais decotada passa a ser sinônimo de promiscuidade.

CONCLUSÃO

A roupa é um meio de identificação do indivíduo com sua realidade, assim como com o grupo ao qual pertence. Eugenia Tukenco *apud* Monteiro (1999, p. 179), explica que:

A roupa é uma linguagem. É uma forma de falar. Faz parte da pulsão Escópica, ou seja, da necessidade consciente de olhar e ser olhado. Por outro lado, o olhar é o espelho. Reflete você em alguém. Por isso, a roupa faz parte do imaginário das pessoas.

Nessa perspectiva, podemos perceber que as roupas femininas estão impregnadas de significados que podem

ter consequências graves para a mulher, como violência sexual ou assédio moral, entre outras agressões. As produções midiáticas, como as telenovelas, são fortes influências e acabam por afetar o comportamento social. Dessa forma, a maneira como as mulheres são representadas podem acentuar condutas violentas advindas de uma sociedade que tem como base os princípios patriarcais, que tenta desestimular a liberdade feminina, principalmente a sexual, e para isso usa as roupas como forma de coibição e aprisionamento da mulher.

Por conta da relevância atribuída socialmente às telenovelas que se propõem a projetar a realidade social em suas produções, os efeitos das representações deste formato televisivo devem ser observados. O episódio de *Malhação: Vidas Brasileiras*, que evidencia o assédio do professor para com sua aluna, que rotineiramente usa roupas curtas, contribui para o ideário que tal situação ocorreu porque esta usa roupas provocativas, caso contrário, o assédio não aconteceria, atribuindo a culpa à vítima mais uma vez. O comportamento interesseiro das



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

personagens Lurdinha e Suelen associado ao ethos de “periguete” é caracterizado pelas roupas e podem provocar no imaginário coletivo a associação entre roupa e comportamento.

Assim, pensando no enfrentamento à violência contra mulher, que é uma responsabilidade de todos os setores da sociedade brasileira, é importante reavaliar as representações femininas na mídia televisiva, com a intenção de tolher construções midiáticas que possam de alguma forma, perpetuar violências contra a mulher, quer sejam físicas, psicológicas ou simbólicas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 177, jan. 2007. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2007000100011/7112>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública,

ano 10, 2016. Disponível em: http://www.forumseguranca.org.br/stora/ge/10_anuario_site_18-11-2016retificado.pdf

ARAÚJO, Denise Castilhos de; Menti, Daniela Cristina. A violência simbólica na sociedade: a moda como instrumento de dominação. *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires - Año 21 - Nº 216 - Mayo de 2016. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>>. Acesso em: 12 out. 2018.

ARAÚJO, Emanuel. A arte de sedução: sexualidade feminina na colônia. In: PRIORE, Mary Del (org.) História das mulheres no Brasil. 10 ed e 1ª reimpr. São Paulo: Contexto, 1997.

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo sexo, v.I, II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BÍBLIA. A. T. Gênesis. In: BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1966.

BOURDIEU, Pierre. A Dominação masculina. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

LAVIER, James. A roupa e a moda: uma história concisa. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MONTEIRO, G. 1999. Metalinguagem das roupas. In: T.G. CORREA; S.G. FREITAS (orgs.), Comunicação, marketing, cultura: sentidos da administração, do trabalho e do



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

consumo. São Paulo, ECA/ USP/CLC,
p.167-181.

RAMOS, Daniele Gross. Entregêneros:
representações do feminino na
teledramaturgia brasileira. 2016. Tese
(Doutorado em Meios e Processos
Audiovisuais) - Escola de
Comunicações e Artes, Universidade de
São Paulo, São Paulo, 2016.
doi:10.11606/T.27.2017.tde-21032017-
103138. Acesso em: 2018-11-11.

SANTOS, Cecília MacDowell;
IZUMINO, WâniaPasinato. Violência
contra as mulheres e violência de
gênero: notas sobre estudos feministas
no Brasil. Estudiosinterdisciplinarios de
América Latina y el Caribe, v. 16, n. 1,
2014. Disponível em:
<<http://eial.tau.ac.il/index.php/eial/articloe/view/482>>. Acesso em: 12 out. 2018.

SILVA, Ivana Patrícia Almeida da. Lar
[in]dócil Lar”: A memória e o silêncio
da violência no contexto das relações
conjugais; Vitória da Conquista, 2014

STALLYBRASS, Peter . O casaco de
Marx: roupas, memória, dor; tradução
de Tomaz Tadeu. - 3. ed. - Belo
Horizonte : Autêntica Editora, 2008.

VIANA, Fausto. Para documentar a
história da moda: de James Laver às
blogueiras feshions. São Paulo. ECA-
USP. 2017. Disponível em:
<<http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/165>>
Acesso em: 10/10/2018.